REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 471

21 DE JANEIRO DE 1892

Redacção – Atelier de Gravura – Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.

RECORDAÇÕES DA EXPEDIÇÃO DA ZAMBEZIA DE 1869

ALFERES CHRISTOVÃO EUGENIO PINTO

CAPITÃO JOSÉ MARIA DE QUEIROZ ABRANCHES

CAPITÃO ANTONIO CARDOSO DOS SANTOS

ALFERES ANTONIO AUGUSTO FERRAZ

MAJOR JOAQUIM HENRIQUE XAVIER NOGUEIRA

Gravuras extrahidas do livro *Recordações da Expedição da Zambezia de 1869*

CHRONICA OCCIDENTAL

Foi uma semana extraordinariamente cheia de acontecimentos de sensação a semana que acabou.

Essa semana viu, nem mais nem menos, do que a queda d'um ministerio, a ascenção d'um novo governo, e a prisão de muitas pessoas de elevada posição social como cumplices d'um desfalque importante de dinheiros.

Uma verdadeira semana fim de seculo, em que os mais inesperados acontecimentos se deram uns atraz dos outros, com profundo espanto do publico, que mal não estava ainda em si da impressão causada por uma noticia, tinha já outra noticia a assombral-o, e logo depois outra e outra.

A crise ministerial surgiu de repente, inesperadamente, como quasi sempre surgem entre nós as crises ministeriaes.

Ordinariamente durante a vida de todos os governos ha muitas occasiões em que se falla em crise, em que o governo está a desabar, em que o ministerio vae pedir a demissão, e o governo continua a viver cada vez com mais saude: de repente, precisamente no momento em que se não falla em crise, zás! o governo vae a terra, muitas vezes sem se saber nem porque nem porque não.

D'esta vez ainda aconteceu o mesmo.

Um dia correu a noticia de que por causa do sr. ministro da fazenda ter pago um *coupon* da Companhia Real dos Caminhos de Ferro, sem previo concenso dos seus collegas no governo, tinha havido divergencias no seio do gabinete, divergencias de que resultara o sr. Marianno de Carvalho pedir a sua demissão.

Discutia-se ainda a veracidade do boato, quando um officio do sr. presidente do Conselho, João Chrysostomo, annunciára á camara a demissão do sr. Marianno.

O ministerio, porém, ficava tratando apenas de preencher a vaga do sr. Marianno.

No dia immediato o ministerio dava a demissão por não ter encontrado quem quizesse tomar sobre os hombros a cruz das nossas finanças.

Sua Magestade acceitou a demissão do gabinete João Chrysostomo e encarregou o sr. conde de Valbom de organisar novo ministerio.

O sr. conde acceitou o encargo, mas á noite teve de o declinar por lhe não ter sido possivel levar a cabo a missão.

Então Sua Magestade mandou chamar ao Paço o sr. conselheiro José Dias Ferreira e confiou-lhe a missão de formar governo.

No dia immediato o governo estava formado da seguinte fórma:

Presidencia e Reino — José Dias Ferreira.
Justiça — Bispo de Bethsayda.
Fazenda — Oliveira Martins.
Guerra — General Furtado Pinheiro.
Estrangeiros — Costa Lobo.
Marinha — Ferreira do Amaral.
Obras Publicas — Visconde de Chancelleiros.

E' escusado, creio, tornar a repetir aqui a minha profissão de fé de nunca me occupar de politica, e sob esse ponto de vista apreciará os factos o meu presado collega João Verdades, com aquella sensatez, tão cheia de bom humor, que tem feito o successo das suas Revistas Politicas: não vou apreciar o novo ministerio sob o ponto de vista politico, vou simplesmente commentar os factos como *dilletante*, como curioso.

E' innegavel que a escolha do sr. José Dias Ferreira para organisar ministerio na situação grave que atravessa o nosso paiz, foi bem recebida por toda a gente e por toda a gente bem recebido o ministerio que elle organisou. Podem os entendedores lamentar que n'esta situação não fosse chamado ao governo um ministerio partidario, um ministerio politico; confesso que d'isso não percebo nada, mas entretanto o que percebo é que a muita politica é que tem dado cabo de tudo isto e levado as coisas ao ponto a que ellas chegaram.

O paiz está farto de politica até aos olhos; parece-me até que o seu mal é uma indigestão d'esse alimento doentio, e creio que é exactamente por isso, por não ter compromissos politicos o sr. José Dias Ferreira, por não ter atraz de si numeroso partido, que o paiz ha muito tempo pensava n'elle e que a sua ascenção ao poder foi recebida, senão com enthusiasmo, pelo menos com esperança pela grande maioria da nação.

Os nomes de todos os homens que compõe o actual governo, inspiram confiança; são nomes honrados, e nomes que se impõe pelo talento e pelo caracter.

Quasi todos os ministros de hoje são novos no poder; mas sabe-se que todos elles são de notavel capacidade e estudo, homens de bem e de boa vontade, e ha direito a esperar muito d'elles.

A situação é grave: não é preciso andar enfronhado na politica para o perceber, e pelo contrario, parece até que aquelles que n'ella andam enfronhados é que não o percebem, e é claro que o governo que tentar efficazmente a nossa regeneração financeira, tem que arcar com muitos attritos, tem que cortar fundo e sem dó.

Evidentemente esses cortes que vão doer a muitos não serão recebidos com enthusiasmo, mas com certeza todos supportarão o sacrificio, visto elle ser indispensavel, desde o momento em que esses cortes sejam geraes, proporcional e equitativamente feitos e sem excepções que os tornem odiosos.

E se o governo tal fizer poderá levar a cabo a sua difficil tarefa, e bem merecerá da Patria.

Que assim seja!

*
* *

A questão da Companhia Real dos Caminhos de Ferro em que ha muito tempo se fallava, veiu por fim á suppuração.

Uma bella noite com grande surpreza de toda a gente o edificio da companhia, no Rocio, appareceu cercado de policias á paizana.

Ora como os policias á paizana são ainda muito mais conhecidos do que quando andam de farda, toda a gente que áquella hora passava por junto da Estação notou o caso, mas deu-lhe interpretação mui diversa.

O que toda a gente pensou, e o que no Martinho e no Suisso constou, foi que, se esperava algum criminoso que viesse de fóra e a que a policia se preparava para deitar a mão

Pois não era nada d'isso: tratava-se apenas da famosa questão dos desfalques nos cofres da companhia.

Effectivamente no dia immediato, soube-se que o sr. dr. Pedroso de Lima, o commissario de policia da 2.ª divisão, tinha passado a noite nos escriptorios da companhia examinando os livros da escripturação.

Era portanto evidente que no fim a policia e a justiça iam tomar conta do caso em que havia tanto tempo se fallava.

E d'ali a nada começavam a apparecer as capturas, capturas que produziram profunda sensação em Lisboa, pelos nomes dos capturados, os srs. marquez da Foz, Reis e Sousa, Calleya, Seruya, Guilherme da Silva Guimarães, Guilherme Arnaud, João Baptista de Figueiredo; o primeiro antigo administrador da companhia e os outros directores do Banco Lusitano.

A todos os presos foi concedida fiança arbitrada em quantia não inferior a 200 contos de reis e a justiça prosegue nas suas investigações, dizendo uns que se preparam mais mandados de captura, e outros que não, que as prisões ficam por ali.

Quem acerta, o futuro o dirá, e entregue como está o negocio á justiça, a ella compete apurar as responsabilidades, competindo-nos a nós todos espectadores d'estes deploraveis acontecimentos, que tão tristemente marcam o fim do nosso seculo, esperar com serenidade o resultado das investigações da justica sem procurar aggravar com odios antigos, invejas ou rancores a situação dos accusados.

*
* *

Um acontecimento que tambem produziu triste impressão em Lisboa, veio-nos d'Inglaterra.

Foi a morte do duque de Clarence, o filho mais velho do Principe de Galles, o futuro herdeiro do throno da Gran Bretanha.

Ninguem conhecia o infeliz principe em Lisboa, mas conhecia-se o interessante romance dos seus amores com aquella com quem ia casar, e isso bastou para que o epilogo terrivel que a esses amores deu a *influenza*, causasse não só em Lisboa, mas em toda a Europa, funda consternação.

O duque de Clarence tinha apenas 28 annos de idade: era um rapaz galante, muito grave, muito serio, muito calado, sempre entricheirado no mais engravatado formalismo, o que durante muito tempo o fez pouco sympathico tanto na côrte como no paiz.

Ha coisa de dois annos porém, o duque de Clarence começou a mudar de feitio, principiou a fallar, a rir, a dar-se com uns e com outros affavelmente; era que começára a amar e a ser feliz, a sentir-se amado.

Esses amores porém, com uma simples condessa, que não pertencia a nenhuma familia reinante, a condessa Maria Teck, não agradaram á familia do principe e foram ao principio muito contrariados.

O duque de Clarence tinha porém, uma poderosa alliada n'esses amores, sua avó, a propria rainha da Inglaterra, que estimava muito a condessa de Teck, que lhe pozera o cognome da princeza Maio, e que dizia a quem queria ouvil-a que era ella a sua noiva d'eleição, *elective bride*.

Tendo por si o auxilio de sua avó, o duque de Clarence venceu rapidamente todas as difficuldades que se oppunham ao seu casamento com a eleita do seu coração e ha pouco mais d'um mez, fôra declarado, officialmente declarado noivo da sua querida Maria de Teck.

O casamento devia realisar-se muito em breve, e preparavam-se já para elle festas extraordinariamente sumptuosas.

N'isto veiu a *Influenza*, essa epidemia terrivel e traiçoeira que entrou na Europa com pés de lã, a sorrir, como uma epidemia de brincadeira, e em oito dias fez do robusto rapaz um cadaver, da sua alegre noiva a mais desolada das mulheres, a noiva viuva, como lhe chamam agora em Londres, e transformou as radiantes festas do casamento, nas lugubres cerimonias de funeraes.

A *influenza* appareceu sob a forma d'uma bronchite ligeira; o principe não fez caso d'ella, a bronchite tornou-se rapidamente n'uma pneumonia purulenta que o matou em tres dias apesar de todos os cuidados dos medicos mais illustres da Inglaterra.

Como se vê, foi um romance profundamente triste os d'esses amores cortados brutalmente pela morte, no momento em que a felicidade suprema parecia approximar-se, e comprehende-se bem a sensação triste, que esse fatal epilogo, causou em toda a gente que tem coração.

*
* *

Terminamos hoje a nossa chronica pela noticia do desapparecimento no tumulo d'um dos mais conhecidos typos populares de Lisboa, o pobre Pedro d'Alcantara.

Penso que não ha ninguem que o não conhecesse, ninguem a quem elle não tratasse por tu, quer na nobreza, clero ou povo.

Pedro d'Alcantara era um excellente homem, um bom typo, alegre, folgasão, que tinha uma grande philosophia no viver.

Com as suas brincadeiras, com a bonhomia com que deixava todos brincar com elle, fazia a vida regalada, ia a todos os divertimentos e a todas as festas, e era tão bom homem que até mesmo aquelles, que mais diabruras lhe faziam, que mais riam á sua custa, hoje o choram com lagrimas sentidas, e em toda a sua longa e dolorosa enfermidade — uma tysica mesenterica — o acompanharam como verdadeiros e sinceros amigos.

Pobre Pedro d'Alcantara! que descance em paz!

Gervasio Lobato.

RECORDAÇÕES DA EXPEDIÇÃO DA ZAMBEZIA

EM 1869

Com este titulo acaba de se publicar um livro, em segunda edição, devido á pena do sr. José Joaquim Ferreira, major do exercito que fez parte d'aquella expedição, e editado pelo sr. Antonio Carvalho na *Collecção — Correio Elvense*.

É esta edição precedida de um retrato do sr. conselheiro Augusto Castilho e uma carta do mesmo senhor dirigida ao auctor do livro, em que encarece o merecimento da obra nas seguintes palavras:

«Uma segunda edição do seu singelo, mas verídico estudo ácerca da desastrosa guerra levada contra o Bonga em 1869, estava sendo já hoje indispensavel, depois de decorridos vinte e dois annos sobre os acontecimentos que na primeira foram narrados.

«Uma historia tão luctuosa, tão cheia de vergonhas e tão intencionalmente occultada e desfigurada aos olhos do povo portuguez, nos seus mais revoltantes, sinistros e tragicos pormenores, carecia de ser apresentada, sem rebuço nem hesitações, pela mão firme de uma testemunha presencial, com a inexoravel severidade do historiador desapaixonado.»

E assim é.

As sombras em que por muitos annos se envolveu o desastre da expedição da Zambezia de 1869, dessipam-se completamente em presença d'este livro que mostra bem as causas que determinaram a serie de desastres de que foi victima aquella expedição.

A narrativa do sr. Ferreira é tão despretenciosa quanto, por vezes, elegante e pittoresca. Lê-se com vontade este livro, porque quanto mais avancemos na sua leitura mais augmenta o interesse do leitor.

É este livro illustrado com os retratos dos srs. conselheiro Augusto de Castilho e Latino Coelho, ministro da marinha sob as ordens do qual foi organisada a expedição. Além d'aquelles retratos insere ainda os de alguns officiaes que foram victimas da sua dedicação e dever.

São alguns d'estes retratos que publicamos em a primeira pagina, como justo preito a tão benemeritos portuguezes e como especimen do livro de que nos occupamos.

Alguns trechos, que passamos a transcrever, contam o fim desastrado que tiveram estes briosos officiaes que se aventuraram nos mais temerarios perigos, n'uma guerra com cafres, atraiçoados a cada passo em seus esforços desesperados para triumpharem do celebre potentado Bonga.

O capitão Antonio Cardoso dos Santos e o alferes Christovão Eugenio Pinto que vinham com uma expedição de Tete em auxilio das forças que estavam em Massagano, cercando a aringa do Bonga e luctando ao mesmo tempo com a fome, foram mortos traiçoeiramente pelo inimigo.

«A's 10 e meia, pouco mais ou menos, entrou no acampamento um homem de côr branca, meio nu, dizendo-se negociante e morador em Tete, e participando que o capitão Cardoso fôra morto, e derrotadas as forças do seu commando. Eis como o sinistro mensageiro relatava aquella grande catastrophe, que vinha destruir completamente todas as esperanças dos expedicionarios e todos os esforços empregados para submetter um negro rebelde.

«Sahira de Tete com a expedição, que se compunha de 250 soldados de caçadores 2, quasi todos africanos, de 5 ou 6 praças da 3.ª companhia do batalhão da Zambezia, que tinha acompanhado o seu capitão quando fôra nomeado governador, e dos sypaes do cidadão Miranda.

«A força tendo atravessado o rio Luenha sem inconveniente, aproximara-se da aringa.

«De subito ouviu-se o terrivel *babaré* dos negros do Bonga, e o estampido de uma descarga. O capitão cahira logo gravemente ferido, e o alferes Christovão Eugenio Pinto, ajudante de caçadores 2, cahira tambem com um braço atravessado. O inimigo, embuscado n'um espesso canavial, tinha sahido em torpel, com as espingardas na mão esquerda e os machados na direita, arremettendo ameaçador contra a expedição.

«As praças de caçadores 2 e os sypaes, surprehendidos inesperadamente, assustados com a violencia do ataque, aterrados em presença dos ferimentos dos officiaes, romperam em desordenada fuga, sem ao menos dispararem as espingardas, que muitos abandonaram.

«Passou-se então uma scena de sublime coragem e dedicação. O cabo n.º 10 e 372 da matricula da 4.ª companhia do batalhão de caçadores da Zambezia, José Luiz, o heroe d'aquelle drama sanguinolento, vendo, no meio da espantosa confusão e desordem, que tudo estava perdido, pensou em salvar o seu capitão. Sem consultar as suas forças, nem querer saber dos perigos a que se ia expôr, impellido pelo seu coração generoso, tomou precipitadamente o caminho do rio, levando sobre os hombros o capitão moribundo. Assim foi correndo por algum tempo; mas bem depressa conheceu a impossibilidade de escapar á furia dos pretos que o perseguiam.

«Fazendo um grande esforço conseguiu ganhar alguma distancia aos seus perseguidores. O rio ainda estava longe; sentia o peito oppresso; as forças abandonavam-no; viu-se extenuado e cercado por todos os lados. Pouco depois rolava no chão, ao lado do seu chefe, debaixo de repetidos golpes de machado, vibrados por negros sanguinarios, a que o Bonga chamava as suas tropas.»

O alferes Antonio Augusto Ferraz, foi uma das victimas mais desgraçadas d'esta desastrosa guerra.

As forças que cercavam a aringa do Bonga estavam exhaustas de forças, sem mantimentos nem munições, nem d'onde lhe viessem. N'estas circumstancias resolveu-se retirarem da melhor maneira, embarcando em pequenos barcos que os transportassem para Tete. Convinha, porem, passarem primeiro á ilha fronteira para ficarem fóra do alcance do inimigo, que sabendo da retirada da expedição viria sobre ella desalmadamente.

De facto uma parte da expedição foi transportada á ilha, mas a restante accussada pelo inimigo que presentira a sua retirada, embarcou desordenadamente e, contra as ordens que se haviam dado, seguiu pelo Zambeze, deixando ao desamparo os que ficaram na ilha.

— Então passou-se uma carnificina horrivel. Os pretos do Bonga vendo que na ilha ainda estavam expedicionarios, depressa embarcaram em maladias, e desembarcaram na ilha.

«Então aquellas feras, sequiosas de sangue, principiaram a assassinar cobardemente, a golpes de machado, homens indefessos, doentes e inermes.

«O soldado n.º 10 da 3.ª companhia do batalhão de caçadores da Zambezia, Antonio Maria d'Oliveira, actualmente cabo de esquadra da 8.ª companhia de reformados, conta que estando ainda proximo do acampamento, quando os pretos chegaram á ilha, lograra desembaraçar o barco no momento em que um negro arremettia com o alferes Antonio Augusto Ferraz. Este official estava na posição de descanço, com a cabeça descoberta, e quando o preto se approximou, desembainhou a espada vivamente; mas reparando que o chão estava juncado de cadaveres, enterrou desesperadamente a espada na areia e cruzou os braços. No mesmo instante cahia com o craneo fendido por um terrivel golpe de machado.

Foi o ultimo d'aquelles infelizes! Não escapou nehum!»

O capitão José Maria de Queiroz Abranches foi um dos officiaes que mais notavel se tornou na campanha da Zambezia.

«De estatura regular, robusto, physionomia sympathica, olhar firme e energico, o capitão Queiroz impunha-se naturalmente, sem pretenções, conquistando a confiança dos expedicionarios que o adoravam, sempre promptos a marchar com elle para toda a parte.

«D'um sangue frio invejavel, raras vezes se alterava, contanto que as suas ordens fossem cumpridas sem reparos. Sobre este ponto era intrasigente, chegando por vezes a ser exaggerado»

. . . .

«Recolhendo a Moçambique por ter concluido a commissão com idéa de regressar a Lisboa, foi o capitão Queiroz nomeado governador de Lourenço Marques, logar que pouco tempo desempenhou por ter fallecido.»

A respeito da morte do major Joaquim Henrique Xavier Nogueira, refere o livro o seguinte:

«A morte quasi repentina do governador de Tete, affectou consideravelmente o espirito impressionavel do major Nogueira.

«—Morrem todos os majores na Zambezia! dizia elle supersticiosamente. Quando chegará a minha vez?

«A sua energia habitual fôra vencida por contrariedades imprevistas. Esmorecera vendo que os officiaes em quem pedia providencias para melhorar o estado lastimoso em que se achava a sua bateria, falta de alimentação propria, arrastando-se dolorosamente n'um serviço inutil, e com tres mezes de pret em divida, ficavam sem resposta.

«Estava completamente mudado depois da morte do capitão Cardoso, seu particular amigo. Nada restava da sua prodigiosa actividade. Andava taciturno, desconfiado, abstrato.

«Obediente, cumpria as ordens que recebia, embora intimamente se revoltasse contra os rigores da disciplina, que lhe impunha o duro sacrificio de obedecer a quem não sabia mandar, a quem faltava tudo que é necessario para inspirar confiança.

«Luctara como um valente, por fim cahira vencido, perdida a força moral, anniquilado.

«Foi n'este estado que teve conhecimento da morte do major Guedes, commandante do batalhão da Zambezia, no Guengue.

«—Chegou a minha vez, murmurou elle. Sou o ultimo. Assim devia ser; paciencia.

«E sahindo da secretaria arrebatadamente, metteu-se na cama, como se realmente se sentisse muito doente, ordenando que se mandasse chamar o 2.º tenente Dôres, subalterno mais antigo da bateria, para lhe entregar o commando.

«O dr. Chaves, facultativo habilissimo, declarou que o estado do commandante era perigosissimo.

«—Morre fatalmente, dizia elle. Tem uma affeção moral que hade matal-o.

«Entretanto o major Nogueira declarava que devia morrer no dia dos seus annos, e n'esse sentido começara a fazer a entrega do commando da bateria, principiando por contar o dinheiro do cofre, fazendo as contas com incrivel precisão. Depois indicava certas medidas a tomar em relação ao rancho, a necessidade urgentissima de mandar fazer alguns concertos no vestuario das praças, concluindo por dizer que tinha em seu poder uma certa quantia que deveria ser entregue ao seu impedido, que lh'a dera para guardar.

«Quando alguem lhe dizia que a sua doença nada tinha de perigosa, respondia socegadamente:

«—Bem sei. Isto não vale nada; mas eu heide morrer no dia dos meus annos, a despeito da teimosia do meu intelligente amigo dr. Chaves, que quer por força debellar um mal que não tem cura.

«Veiu uma febre violentissima, o delirio e, com effeito, pouco depois a morte, não no dia que apontava com inalteravel insistencia, mas tres dias depois».

Pobres martyres!

A.

A EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL

NO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO

Como é sabido, a organisação da exposição industrial portugueza, que se instalou na nave Central do Palacio de Chrystal, foi determinada pela visita da familia real ao Porto e a outras cidades do Norte, tendo-se em vista dar a conhecer aos regios visitantes o estado de adiantamento das nossas industrias.

A pressa, ou mesmo a precipitação, com que se levou a effeito esse pensamento, devia necessariamente redundar em desproveito do conjuncto do certamen, que comquanto se exhibisse em condições apreciaveis para certas industrias, deixou comtudo muitas outras sem uma representação digna, e algumas até sem essa representação.

Foi no dia 19 de outubro que se instalou sob a presidencia do presidente da camara do Porto, a commissão destinada a promover o concurso de expositores e tendo logo no dia seguinte essa commissão assignado os convites para os industriaes, limitou se o praso para as requisições de espaço até ao dia 2 de novembro e a entrega dos productos até ao 10, visto ter-se fixado o dia 18 do mesmo mez para a abertura do certamen.

Como se vê, em praso tão limitadissimo era impossivel instalar-se uma exposição que permittisse o conhecimento exacto do estado das nossas industrias mesmo as referentes ao norte do paiz, e assim o certamen devia resentir-se, como se resentiu, d'essa aceleração, mais determinada por conveniencias politicas do que pela propria vontade da direcção do Palacio de Crystal.

O que é certo é que se trabalhou quanto se pôde, para que a concorrencia de productos fosse o mais numerosa possivel auxiliando o proprio governo esses trabalhos, não só com o subsidio pecuniario com que contribuiu para a exposição, mas tambem influindo junto dos seus delegados para que os industriaes não ficassem inactivos perante essa manifestação do labor nacional.

Receberam-se pois os productos, instalaram-se, e ergueram-se até dous annexos nos jardins, de modo que no dia 22 de novembro a exposição era aberta por El-Rei; com a devida solemnidade.

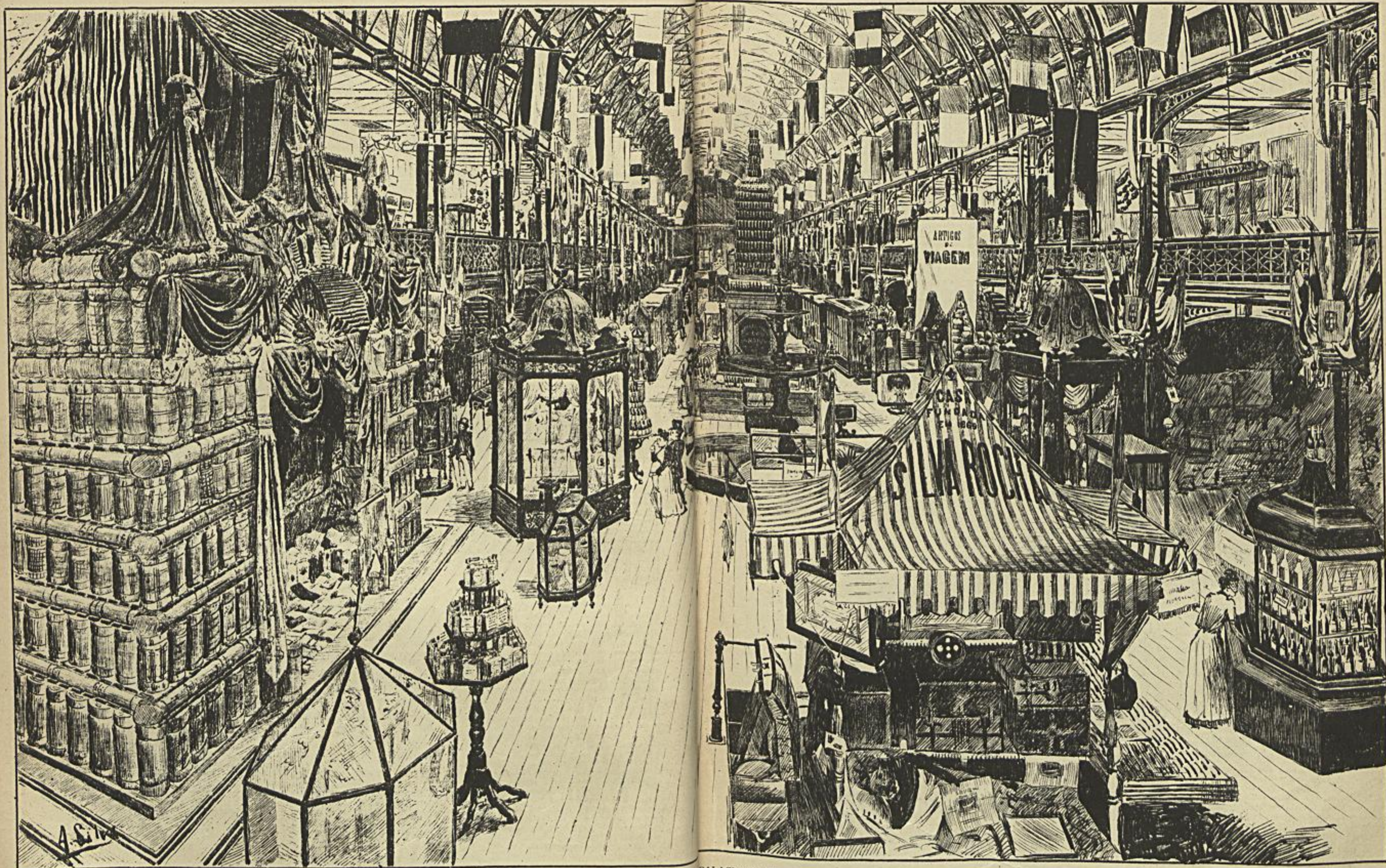
Convém mencionar que para a rapidez da instalação dos productos e para a acceleração de outros trabalhos preliminares do certamen, muito contribuiu a actividade desenvolvida pelo director-gerenta do Palacio de Crystal, o snr. Joaquim Baptista Vieira da Cruz, que foi incansavel em activar todos os preparativos de modo a poder ser aberta a exposição no praso fixado.

Não nos propomos fazer a descripção minuciosa e critica d'essa exposição, mas apenas assignalar rapidamente as industrias que n'ella estão melhor representadas e que mais claramente dão a conhecer os progressos que n'estes ultimos annos teem feito varios ramos do trabalho nacional.

Assim começaremos por nos referir aos lanificios, taes como casemiras, cheviotes, flanellas, castorinas, montagnaes, etc., excellentemente representadas e de que são expositores Campos Mello & Irmão, Alçada & Mousaco, José Mendes Veiga, successor, todos da Covilhã, Azevedo Meirelles & Irmãos, Adrião Ferreira, Companhia de Lanificios de Lordello, Peig Planas & C.ª, Companhia de Lanificios da Chimina (Alemquer), Companhia de Lanificios de Padornello, Companhia de Lanificios de Arroyos, Companhia Portugueza de Fiação e Tecidos de Lã de Alemquer, João Alves Bebiano & C.ª, (Castanheira de Pera); João U. T. Guedes (Porto de Moz), Joaquim Filippe Pitta e José Manoel Fernandes (Redondo) e o Muzeu Colonial de Lisboa, com a sua collecção de lãs animaes e vegetaes, de todas as provincias ultramarinas.

Em seda em fio e tecidos, ha uma variedade digna de notar-se, extremando-se os nossos damascos de antigo padrão, as sêdas em côres, os velludos as fitas, etc.

N'esta especialidade são expositores Joaquim Baptista da Silva Guerra, Francisco José Nogueira & F.os, Antonio Pedro Simões, David José da Silva

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA—PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO

(Desenho de A. Silva, seg[undo u]ma photographia)

& C.ª, Manoel da Motta Fonseca, Pimentel & Queiroz, Francisco Paschoal da Paz e Francisco Cabral Paes & F.º (Moimenta da Beira).

De algodões em fio e tecidos são muitos os expositores, primando cada um d'elles na excellencia dos productos que exhibem. Assim, é grande a variedade de riscados, guardanapos, toalhas, colchas, cobertores, baetas, flanellas, cotins, chales, sarjas, setinetas, chitas, lenços, e algodões em fio.

N'esta secção, os expositores são: Companhia da Real Fabrica de Fiação de Thomar, Companhia de Fiação de Crestuma, Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, Companhia de Fiação e Tecidos do Porto, Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, Companhia do Fabrico de Algodões de Xabregas, Companhia Fabril Lisbonense, Companhia Fabril de Salgueiros, Companhia Fiação Portuense, Companhia Lisbonense de Estamparia e Tinturaria de Algodões, Companhia Nacional de Estamparia e Tinturaria, Companhia Rio Ave, Fabrica de Fiação da Valsa, Fabrica de Fiação e Tecidos do Jacintho, Joaquim Baptista da Silva Guerra, Manuel José Moreira Monteiro, Manuel Ortiz de Montellano, Marinho & Irmão, Adrião Ferreira, Bahia & Genro, Antonio José Gomes Samagaio, Centeno & Comp.ª (Lisboa), Antonio da Costa Guimarães, Filho & C.ª (Guimarães) Joaquim Martins de Oliveira Costa & C.ª (Guimarães), Pedro Pereira da Silva Guimarães (Guimarães) e Muzeu Colonial de Lisboa, com uma collecção de tecidos de algodão e estampados das nossas provincias ultramarinas.

Em ceramica, são apreciaveis sobretudo os productos expostos pela Fabrica da Vista Alegre, e pela Real Fabrica de Louça de Sacavem, bem, como pelo snr. Benjamim Ventura, de Coimbra, e pela Fabrica ceramica das Devezas.

Além d'estes, são tambem expositores: Antonio Gomes da Cunha Guimarães (Barcellos), Caetano Augusto da Conseição (Estremoz), Carlos da Silva Mello Guimarães (Aveiro), D. Clementina Vieira da Costa Lima Arnaud, João Amaro (Figueira), João Camillo de Castro Junior, José Pereira Valente, viuva Soares Rego, Julio da Silva Goarmon (mosaicos), Eduardo Augusto Pinto Magalhães (idem) e Joaquim Antonio Machado & C.ª (idem).

Em vidros, são importantes os productos apresentados pela Empreza da Nacional Fabrica de Vidros da Marinha Grande, bem como pela Companhia da Fabrica de Vidros da Amora (garrafas).

Relativamente a obras de serralharia e fundição, devemos especificar os trabalhos exhibidos principalmente pela Fundição de Massarellos, Companhia Previdente, de Lisboa, Fundição da Arrabida, Valentim Ferreira Nunes, José Augusto Ferreira da Cunha (Guimarães), Joaquim Francisco de Azevedo, John Minchim, etc.

Em mobilias, são expositores dos melhores artefactos, Alvaro Coelho & C.ª, Antonio do Nascimento & F.º, Correia de Abreu & C.ª, Fabrica Economica, Sebastião José Leal, Seraphim Gomes Pimenta, Venancio do Nascimento & F.º, viuva de José Bernardino Fontes e viuva Silva & C.ª

Digno tambem de muito especial menção é um biombo, estylo antigo, ornamentado com talha, couros e ferragens douradas, trabalho primoroso do sr. José Bernardo Martins.

Artrahem igualmente a attenção, os papeis pintados para forrar salas, do sr. Antonio Cardoso da Rocha.

São perfeitas as obras de correeiro e seleiro expostas por Francisco José da Silva Rocha, João David, Henrique Gonçalves da Costa Lima, e Joaquim José Ribeiro.

De cortumes, são expositores Almeida & Irmãos (Guimarães), Antonio José Correia & C.ª, Cerqueira Lima & C.ª (Vianna), Fabrica de Cortumes Esperança (Lisboa), Fabrica de Cortumes de Bomfim, Francisco Ovidio Senna Antunes, Julião de Freitas Guimarães e Mendes Ribeiro & Sobrinho (Guimarães).

Em escovas, brochas, capachos de crina, etc., é principal expositora a Companhia Portugueza de Escovas e Pinceis, de Lisboa.

A chapellaria acha se notavelmente representada nos productos expostos pela Companhia da Real e Imperial Chapellaria a Vapor e por Maia e Silva & F.º.

Igualmente inexcediveis de perfeição de fabrico, os artefactos de malha exhibidos pela Companhia Manufactora de Artefactos de Malha.

De machinas, ferramentas, etc., são expositores A. de La Roque, Antonio Pinto de Magalhães, Bento de Moura e Silva, Nova Companhia de Fundição do Ouro.

São excellentemente construidas as carruagens expostas por José Antonio Dias, Antonio José Joaquim de Oliveira, Francisco Pereira Lessa, e Germano Valeins, bem como dous carros americanos, pela Companhia Carris de Ferro do Porto e uma carruagem-freio de 1.ª classe, pela Companhia do Caminho de Ferro da Povoa.

De material para incendios são expositores Antonio Moreira da Silva Couto, Guilherme Gomes Fernandes & C.ª, e Officinas do Corpo de Salvação Publica, do Porto.

Em orrivesaria apresentam-se como expositores A. Reis, Antonio Alves dos Reis & F.ºˢ, Antonio Joaquim de Sousa Moreira, Cazimiro Pinto de Abreu, José Rosas, Manoel Marques, e viuva Innocencio Alves de Azevedo.

A secção de bellas-artes está pobrissima. Apenas ha a notar alguns quadros da sr.ª D. Josepha Garcia Greno, uma ou outra imagem de esculptores em madeira, d'esta cidade e uma primorosa corôa real esculpida em pedra do sr. Severiano João de Abreu, de Lisboa.

São boas as photographias expostas por Emilio Biel & C.ª, Photographia Moderna e Photographia União.

Além dos productos que deixamos enumerados, muitos outros ha que seria fastidioso mencionar, taes como mineraes, cal, marmores, alabastro, carvão, cimentos, calcareos, palitos, madeiras, massas de madeira para fabricação de papel, linho, seda e lã em rama, conservas, biscoutos, bolacha, confeitaria, farinhas, manteigas queijos, cafés, chocolates, licores, aguardente, aguas mineraes, productos chimicos e pharmaceuticos, saboaria, adubos, instrumentos de musica, artigos de vestuario, papeis, livraria, etc., etc.

Como o nosso proposito era unicamente deixar consignada a realisação da exposição industrial no Porto, a simples resenha que acabamos de fazer, cremos ser sufficiente para dar uma ideia da sua importancia.

Porto, janeiro 1892

M.

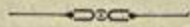
AS NOSSAS GRAVURAS

VELOCIPEDE PARA TERRA E PARA AGUA

Depois dos numerosos systemas de locomoção por agua que tem apparecido nos ultimos annos, novamente se esforçaram diversos inventores para apresentarem um vehiculo que possa servir tanto para terra como para agua, de sorte que se passe, sem maior difficuldade, de um para outro elemento.

Semelhantes construcções promettem utilidade especial para fins militares, fortalezas situadas á beira da agua, e tambem para empregados de alfandegas, portos e construcções junto da agua, para a caça em passeios fluviaes, e para atravessar os rios de rapida corrente; ou sobre as aguas onde a profundidade insondavel, os bancos de areia, e outros accidentes tornam difficil o emprego dos botes, dado o caso da margem ser bastante plana para dar facil sahida ao velocipede.

A nossa gravura representa um apparelho d'esta especie, que é devido a Jorge Pinkert, de Waldheim, na Saxonia, e tem privilegio na maior parte das cidades.

As tres rodas, que são unidas com guta-percha não deixam o vehiculo ir ao fundo, e até, quando porventura venha a dar-se algum desmancho do machinismo, o grande volume de ar contido nas rodas exclue a possibilidade d'elle se submergir.

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

EM GUIMARÃES

IV

(Continuado do n.º 470)

Tem a igreja da collegiada duas sachristias, uma pertencente á irmandade do Santissimo, e a outra aos conegos. N'esta está uma capella feita, ou reconstruida em 1686, na qual se venera com grande devoção dos fieis uma imagem de Nossa Senhora, em pintura muito antiga, que, segundo refere a tradição, e se acha escripto em um velho pergaminho, existente no archivo da collegiada, foi trazida de Roma para esta igreja de Nossa Senhora da Oliveira no reinado de el rei D. Diniz, por Paio Domingues, dom prior de Guimarães e deão da sé de Evora.

Guarda-se n'esta sachristia, em um grande armario com portas bem chapeadas de ferro, o magnifico thesouro de vasos sagrados, cruzes, joias do ornato da imagem de Nossa Senhora da Oliveira, e outras alfaias. É o thesouro mais rico de objectos preciosos de arte antiga, que ha no reino. Ao grande numero d'esses objectos, que o compõem, ainda accresce outra circumstancia de muito apreço, e é que entre elles acham-se alguns, que são verdadeiros primores de arte, e outros que são padrões gloriosos da historia de Portugal.

Mencionarei as peças mais notaveis d'este thesouro. Começarei, sem seguir ordem chronologica, pelo celebrado oratorio, doado a Nossa Senhora da Oliveira por el-rei João I. É de madeira exteriormente, e da fórma de um armario, com duas meias portas, tendo de altura 1m,34; de largura, estando fechado, quasi 1 metro, e se estiver aberto, 2 metros aproximadamente. No interior é todo de prata dourada com obra de esmalte.

O corpo do armario, que terá de fundo uns 10 centimetros, divide-se, na largura, em duas partes, a inferior, mostrando todo o fundo, representa uma como câmara; a superior apresenta a fórma de uma fachada gothica, puchada á frente do armario, e fazendo abobada á inferior. N'esta acha-se uma cama em que está deitada uma imagem de Nossa Senhora, com o Menino Jesus; e aos pés da cama vê-se S. José, sentado e encostado ao seu bordão.

Por cima da cama e das imagens da Virgem e de S. José resaltam da parede da camara, no centro uma representação da magedoura, que serviu de berço ao Menino Jesus, com as cabeças de boi e da mulinha, e nos lados dos dois meios corpos de anjos com thuribulos nas mãos, em acção de incensar a Jesus recemnascido. As imagens da Virgem e de S. José tem uns 24 centimetros de altura, e são, bem como o Menino Jesus, de vulto inteiro; tendo o rosto e as mãos com encarnação e o resto do corpo de prata dourada. As paredes e abobada da camara são vestidas de folha de prata dourada com seus lavores. A fachada gothica, que acima me refiro, é toda de prata dourada com esmaltes de differentes côres e compõe-se de dois corpos distinctos: o superior representa a parede ornamentada de um edificio gothico, na qual se estende uma galeria de nove janellas contiguas, delineadas segundo o mais puro gosto, d'aquelle estylo architectonico, resaltando da dita parede, sobre a galeria de janellas, dois anjos, um em cada extremidade, segurando dois escudos de armas de el-rei D. João I de Portugal: o corpo inferior consta de quatro arcos, que formam a abobada da camara, ou presepio, e sustentam outros tantos pavilhões sextavados, em que se abrem brincadas janellas ogivaes, tudo guarnecido de lindos esmaltes. São separados os quatro pavilhões por delgados pilares, que vão servir de base a cinco capellinhas, que se encostam á galeria acima referida. Nas cinco misulas dos quatro arcos vêem-se cinco pequenas estatuas de anjos, de vulto inteiro, com tochas nas mãos. Fazem-lhes docel cinco formosos coruchéus, rendilhados, que terminam em esbeltas e delicadas agulhas.

As duas meias portas do oratorio tem o mesmo fundo d'este, e dividem-se tambem em duas partes, superior e inferior; tendo em cada divisão uma camara ou capellinha, com as paredes vestidas de folha de prata dourada com lavores, e coberta por dois arcos ogivaes, que sustentam uma como parede toda lavrada com diversidade de desenhos esmaltados. Na meia porta do lado direito está representada a «Annunciação», na parte superior e na inferior a «Apresentação»; na meia porta do lado esquerdo está figurada, na parte superior a «Adoração dos pastores», e na inferior a «Adoração dos reis». Todas as figuras são igualmente de vulto inteiro, de prata dourada, com encarnação nos rostos e mãos, e da mesma altura das de Nossa Senhora e S. José, que estão no presepio.

Em tudo quanto respeita a architectura e ornamentação é este oratorio obra para muito se ver e admirar. Mas as figuras deixam muito a desejar, sobre tudo em correcção de desenho.

Gaspar Estaço, que viveu no seculo XVI, diz no seu livro *Varias antiguidades de Portugal*, que este oratorio se fizera de prata a que se pesou el-rei D. João I, e deu de esmola a Nossa Senhora. O padre Antonio Carvalho, no 1.º tomo da sua *Chorographia Portugueza*, em 1706, refuta aquella opinião de Estaço, dizendo que o seu engano devia proceder de ver n'elle (oratorio) esmaltadas as armas d'este rei, que os conegos da real collegiada mandaram n'elle illuminar para signal, que ficasse aos vindouros, que fôra dadiva sua; no que andaram mal aconselhados; porque se n'isso mostraram a mercê, que o rei lhes fez, escureceram a gloria, com que foi alli trazido. E se este

auctor conferira o anjo, de que trata no mesmo capitulo n.º 5, [1] e diz fôra tomado na mesma batalha, não houvera de manifestar ao mundo o seu engano; e juntamente quando confessa, que era da capella real de Castella; porque é certo que el-rei D. João o primeiro de Castella não havia de trazer em sua companhia os anjos, que n'ella serviam de ceriaes, sem trazer o retabulo a que elles allumiavam».

A isto accrescentarei, que visitando esta collegiada, pela primeira vez, em 1845, o conego, que então exercia o cargo de thesoureiro-mór, uma das cinco dignidades da collegiada, pessoa illustrada, e ha muito fallecida, disse-me que havia alli a tradição, e a ouvira referir, quando entrára para aquella collegiada, a conegos muito edosos, de que o oratorio, ou retabulo de prata fôra tomado a D. João I de Castella na batalha de Aljubarrota, e depois offerecido a Nossa Senhora da Oliveira por D. João I de Portugal, juntamente com os 12 anjos de prata, que faziam parte do mesmo oratorio, e que era por mandado do cabido, que tinham sido substituidos nos dois escudos de armas os leões de Castella pelas quinas de Portugal.

(Continúa).

R.

A MÃE DE CAMÕES

(Continuado do n.º 470)

Do facto de apparecer no ultimo documento Luiz de Sá de Camões, e não Luiz de Camões, o sr. Storck conclue que Anna de Sá se assignara na petição para a mercê (a que marca arbitrariamente a data de 1584) Anna de Sá de Camões, donde proveio o Sá no nome do poeta; e eu do augmento d'este appellido ao nome d'elle concluo meramente que o empregado, acabando de escreve-lo com referencia á mãe, e passando logo a escrever o nome do filho, addicionou-lh'o por equivoco, o que bem mostra a palavra dito que o antecede, e se refere a Luiz de Camões, conforme devia ser, e não a Luiz de Sá de Camões, de que ainda se não fallara, porque o nome que vem depois d'aquella palavra costuma consistir na repetição do nome já anteriormente enunciado, ou de parte d'elle, como por exemplo no terceiro documento o de Simão Vaz de Camões, que mais abaixo se reduz a Simão Vaz, precedido da mesma palavra. Quanto á supposição de Anna de Sá juntar Camões ao seu nome no requerimento, não é tambem admissivel, porque só em tempos comparativamente modernos é que começaram as mulheres a accrescentar aos seus nomes um ou mais appellidos dos maridos.

Com o fim de prevenir objecções, raciocina ainda o sr. Storck: «Ninguem estranhará que ella (Anna de Sá) não empregasse nas suas petições os termos *madrasta* em logar de mãe, nem *enteado* em logar de filho, e que a chancellaria régia seguisse o mesmo rumo. O nome *madrasta* não se odeia somente em terras de Allemanha! Camões convivera em Lisboa durante os ultimos dez annos de sua vida, ou pelo menos parte d'elles, com a idosa senhora, por certo sem nunca lhe negar o doce nome de mãe. Por isso ella passava por verdadeira mãe do poeta nos circulos que os conheciam a ambos. Luiz Vaz nunca conhecera a mãe carnal. E quem podia saber em Lisboa, quem tinha interesse em indagar a verdade meio seculo depois de contrahido o segundo matrimonio de Simão Vaz com Anna de Sá, em Coimbra (provavelmente cerca de 1530?)»

Estas razões são insustentaveis. Bem se importavam os empregados que escreveram os documentos, ou quem lh'os mandou escrever, que a palavra madrasta se tomasse ás vezes em máo sentido, se se usava então, como ainda se usa hoje, apezar d'esse máo sentido? Era a propria; e aproveitar-se-hia, se fosse necessaria. Não o fizeram; não o fizeram tambem quanto á palavra enteado, porque Anna de Sá era mãe de Camões. Nem a redacção dos documentos tem coisa alguma com os parentescos falsos ou imaginarios em voga entre as pessoas conhecidas dos interessados; mas sim unicamente com os parentescos verdadeiros, sobretudo dependendo d'elles conceder-se ou não se conceder uma pensão por serviços em que poderia haver prejuizo de terceiro. Nem se deve presumir que Anna de Sá, a ser madrasta, se intitulasse mãe, pois mentiria a el-rei, o que não é de esperar, e lhe podia trazer graves consequencias. Porém concedido, e nunca provado, que Anna de Sá fosse madrasta do poeta, como é que o sr. Storck sabe que o casamento d'ella com Simão Vaz de Camões se effeituou em Coimbra, e que foi provavelmente meio seculo antes da data dos documentos, por 1530? O sr Storck assenta apenas, nas suas conclusões, fundado na erronea interpretação de alguns versos do poeta, como vimos, que Anna de Macedo morreu á nascença de seu filho, o qual, por isso teve uma ama, e que esta foi cruel para com elle (uma fera); e, fundado no appellido Sá, que vem nos documentos (datados, note-se bem, de 1582 e 1585), em vez de Macedo, conforme trazem Mariz e outros, infere que Anna de Macedo era a mãe, e que Anna de Sá era a madrasta do poeta; e, sem nos dizer nada quanto á familia, naturalidade, morada e circumstancias da vida de Anna de Sá, nem quanto ao seu casamento, pois só agora se lhe refere, dá-o realisado em Coimbra proximamente por 1530, quando o nome d'ella só nos apparece pela primeira vez n'uma das listas que Faria e Sousa descobriu na Casa da India, de que já fallámos e falaremos, lista conhecida do sr. Storck, lista datada de 1550, trinta e dois annos, e não meio seculo, antes do primeiro documento, e quando Camões contava vinte e cinco de edade! E como ou onde se prova que, durante os ultimos dez annos da sua vida, ou ao menos durante parte d'elles, Camões conviveu em Lisboa com Anna de Sá, quando nada consta a este respeito; quando, pelo contrario, segundo os escassos e fluctuantes vestigios dos derradeiros annos do poeta, elle nos apparece pobre, só, e abandonado, protegido apenas pela amizade do seu Jao, e pelas esmolas da vendedeira Barbara, e frequentando a companhia dos religiosos de S. Domingos, sem que em nenhum dos tristes e afflictivos lances da sua precoce velhice e da sua miseria e desamparo, nem mesmo no da sua morte, figure Anna de Sá, quer fosse sua madrasta quer sua mãe? A tirar-se d'aqui alguma conclusão, não deve ser antes a de que ella não estava n'esse tempo na companhia de Camões?

(Continúa.)

Ramos Coelho.

[1] O anjo de prata, que se guarda no mesmo thesouro, e que foi tomado a el-rei de Castella em Aljubarrota.

CONTOS MILITARES

O SARGENTO SALAZAR

Depois da prolongada campanha d'Austria, o ambicioso Napoleão adormeceu por momentos ao som dos hymnos de triumpho, para despertar decidido á conquista d'esta pequena tira do occidente da Europa, cujos habitantes lhe haviam já dito na Roliça e Vimieiro, pelas bôccas das escopetas, que Portugal era ainda o mesmo guerreiro de Val-de-Vez, Aljubarrota, Ameixial e Montijo.

A lembrança dos desastres de Junot e Soult contundia tanto a alma aguerrida do vencedor d'Austerlitz, como pezada catapulta, impellida por mão gigante, os muros impenetraveis das alcaçovas medievas.

A idéa de duas derrotas successivas magoava tanto e tanto aquelle espirito de titan, que, em 1810, enviou a Portugal tres corpos do grande exercito commandados por Ney, Junot e Reynier, os quaes obedeciam ás ordens do bravo general Massena, cujos anteriores triumphos lhe valeram o nome lisongeiro de *predilecto da victoria*.

Entrára pela Beira o grande capitão n'um dos primeiros dias d'agosto de 1810.

Aos raios crús do mais ardente sol d'estio entreluziam as bayonetas dos francezes, levemente oxidadas pelo sangue dos vencidos de numerosas campanhas; e no cimo das arrogantes muralhas da praça d'Almeida, que ia ser assediada, viam-se alguns homens, immoveis como estatuas, junto aos canhões de bronze, cujas espoletas esperavam o contacto das velas mixtas dos artilheiros, para levarem a morte ao arrayal inimigo.

Por uma evolução rapida como um corisco, a antiga fortaleza encontrou-se no meio d'um circulo d'homens de tez crestada pelo sol do Egypto... por uma especie de serpente descommunal que se dispunha a estoirar, dentro das suas roscas de ferro, os esforços desesperados d'um punhado de recrutas.

Do interior da praça evolavam-se, nas azas da viração matutina, gritos lancinantes de pavor e desalento: e mais do que um dos seus velhos moradores pensára já em morrer abraçado ás filhas castas, para as poupar á ferocidade sensual dos terriveis estupradores, e sacrilegos iconoclastas.

*
* *

O fogo começou.

Descargas de fusilaria, salpicadas de metralha, que os morteiros vomitavam n'uma bebedeira d'exterminio, cahiam em leques mortiferos sobre a horda d'invasores que havia de ser vencida em Fuentes d'Honór e Albuera,—estrophes principaes d'esse poema sangrento, que teve o seu epilogo para lá dos Pyrenéos.

Os infantes e artilheiros portuguezes, obedientes á voz do dever, olhavam com desdem, de sobre os baluartes, para o exercito francez, que a seu turno os dizimava com os seus certeiros projectis.

Bastantes dias durou o cêrco,—dias que decorriam com a lentidão dos seculos,—quando uma bala ardente do inimigo, penetrando no paiol, fez voar, acto continuo, a invencivel cidadella.

Estava rendida a praça.

Os francezes, galgando por sobre montões de cadaveres e de feridos agonisantes, precipitaram-se em tropel no interior da villa, juntando pouco depis o saque ao estupro, n'um furor de selvagens. . n'uma furia bestial!...

*
* *

Mas nem todos os nossos soldados haviam desapparecido sob os destroços da praça: Um grupo houve—grupo de valentes, que guarnecia um canhão,—o qual nunca cessou de dar fogo, até que um tiro traiçoeiro, um tiro á queima roupa, disparado por um francez, inutilisou o commandante da guarnição—um valoroso tenente,—que, no decurso do assédio, praticára incriveis feitos de valor.

—Maldito!.. murmurou o joven official, cahindo no chão tinto do proprio sangue.........

....

A peça emmudeceu.

Dentro da villa ia uma confusão indescriptivel.

Velhos, mulheres e creanças estrugiam os ares com ininterruptos clamores afflictivos,—clamores que eram sobrelevados d'intermittencia em intermittencia pela algazarra monotona dos assaltantes, na disputa da honra das virgens e da distribuição do saque.

*
* *

O tenente,—um bello rapaz de trinta annos, valente como um athleta,—estorcia-se no lagedo do baluarte, por effeito do ferimento, que ia custar-lhe a vida.

—Meu amigo,—balbuciou elle, dirigindo-se a um joven e robusto sargento que o velava, e a quem uma lagrima, que corrêra envergonhada, lhe manchou por um momento o rosto tisnado do fumo dos canhões:—Vou pedir-te o derradeiro serviço... Sinto a morte apalpar-me com a sua mão de gêlo... Olha! Arrasta-me para debaixo do reparo da nossa peça, porque desejo acabar ao pé da companheira fiel de tantos dias de trabalhos...

—Meu pobre tenente!... exclamou o sargento Salazar n'uma grande commoção, sustendo nos seus braços de ferro e removendo para debaixo da peça o corpo quasi exangue do infeliz official.

—Desaperta-me agora a farda, Salazar. N'uma das algibeiras encontrarás uma carta e uma trança de cabello da mulher a quem dedico as ultimas pulsações do meu mallogrado coração... Que os bandidos da França não ponham mãos sacrilegas no meu thesouro...

—Ai!... a minha pobre irmã!... bradou o sargento, lida a carta, e cahindo de joelhos junto á cabeça inanimada do artilheiro, que expirára na serenidade d'um justo.

*
* *

Decorreu o tempo.

Os francezes, batidos desde o Bussaco até Tolosa, deixam a peninsula talada, mas, em compensação adubaram-lhe o solo duas partes dos invasores.

Depois da morte do tenente, o sargento Salazar sentiu-se possuido d'um duplo rancor contra os soldados da França

Na memoravel acção da Victoria,—onde José Bonaparte deu o golpe de misericordia na grande causa de seu irmão,—Salazar, já alferes, praticou

taes actos de valor, que fizeram a admiração dos inimigos e o espanto dos camaradas.

. . . .

Era de madrugada.

Um corpo d'exercito, ás ordens do marechal Jourdan, torneava uma montanha cautelosamente para cahir de surpreza sobre a divisão anglo-lusa a que pertencia o bravissimo artilheiro, com o fim de desalojal-a da vantajosa posição que occupava.

De repente ouvem-se tiros d'alarme nos nossos postos avançados, e, momentos depois, travava-se renhida a lucta entre as forças contendoras.

No meio da soldadesca d'um batalhão francez, que, á bayoneta calada, pretendia apoderar-se da bateria de Salazar, divisou este o cobarde que na praça d'Almeida fusilára pelas costas o infeliz noivo de sua irmã.

Terrivel, ameaçador, cruel, o artilheiro aproveitando o momento em que o batalhão retrocedia desordenadamente, enterrou as esporas no ventre do cavallo, e, cortando a frente ao francez, vibrou lhe um golpe tão energico, que, abrindo-lhe a barretina e fracturando-lhe o craneo, o prostrou seguidamente.

Depois apeou rapido, e espicaçando-o nervosamente com a ponta aguda do sabre, fundiu os ultimos insultos com os brados de misericordia do miseravel *marandeur*.

—Infame!... bandido!... canalha!... Se tu tivéras um amigo muito intimo, e se traiçoeiramente o assassinassem, que farias tu, ladrão, se encontrasses o assassino d'esse amigo, que o fôra ao mesmo tempo da minha desventurada irmã?! ..

— *Piété!... piété!..* exclamava o misero, gemendo sob a pressão d'um dos joelhos do artilheiro, que sorria diabolicamente aos clamores da sua victima: — *Ecoutez moi...*

Ah! mas o alferes portuguez não pôde ouvir coisa alguma. Uma nuvem de sangue passou-lhe pela vista, e, cravando raivosamente a espada no coração do velho soldado francez, pôz assim termo a este sangrento pormenor da grande tragedia d'aquelle dia.

Lisboa—1891.

Oliveira Mascarenhas.

VELOCIPEDE PARA TERRA E PARA AGUA

REVISTA POLITICA

Quando reviamos as provas da nossa ultima revista, principiavam a desenrolar-se em Lisboa os mais extraordinarios acontecimentos, causando as maiores surprezas.

O primeiro d'esses acontecimentos, se assim lhe podemos chamar na precipitação com que outros se succederam, foi a demissão pedida pelo sr. Marianno de Carvalho de ministro da fazenda, ao mesmo tempo que apparecia a publico um enorme roubo de fundos feito á caixa das aposentações dos empregados na Companhia Real dos Caminhos de Ferro, o que póde á primeira vista parecer caso alheio á politica, mas que desgraçadamente não é, desde que a criminosa administração da Companhia Real tem sido o que mais affectou o nosso credito no estrangeiro e criou ao governo portuguez o melhor dos seus embaraços financeiros.

Mas não param ainda aqui todos estes acontecimentos.

A demissão do ministro da fazenda, motivada por desacordo com os seus collegas, que não authorisaram um suprimento de 5000 contos por elle feito á companhia dos caminhos de ferro, e ainda outro de 4000 contos feito ao Banco Lusitano, originou uma crise ministerial, que não estava prevista, e por isso mesmo foi a valer, porque a tal crise deu com o governo em terra, á falta d'este poder impingir a pasta da fazenda a um novo financeiro em disponabilidade.

O ministerio demittiu-se.

É o terceiro ministerio que tem vindo em soccorro da patria e afinal não salva coisa nenhuma.

Exactamente como no *Trovador*.

O chefe do Estado encarregou o sr. conde de Valbom de organisar ministerio, mas o illustre diplomata não poude organisar coisa nenhuma. Os regeneradores estavam promptos para o sacrificio, mas os progressistas é que não partilhavam da mesma opinião, e o sr. José Luciano, que anda muito arreliado por chamarem toda a gente para formar ministerios menos a sua ex.ª, declarou que não daria o seu apoio á nova situação hermaphrodita.

Já bastava o sr. Marianno, quanto mais agora o sr. Valbom a fazer-lhe escovinhas á porta.

N'estes casos o poder moderador teve que recorrer ao ultimo extremo, e lá chamou o sr. José Dias Ferreira para salvar a patria.

Se d'esta vez a patria não fôr salva, só resta cada cidadão chamar para o pé de si um policia para o que dér e viér.

O sr. conselheiro José Dias Ferreira, ha muito tempo apontado pela opinião publica como o unico homem capaz de arcar com a desordem em que tudo isto vae, conseguiu promptamente organisar um ministerio de homens novos no officio, o que, se não é uma garantia para o lado pratico da questão, é uma defeza para os compromissos politicos, o que já é alguma coisa para a politiquisse da terra.

Sua ex.ª teve artes de arranjar os ministros mais imprevistos, o que faz com que toda a gente ande a perguntar quem são, não sabemos se para arranjar os seus empenhosinhos para elles, por que emfim é o que mais preoccupa uma boa parte do nosso publico é saber se póde contar com uma protecçãosinha para este ou para aquelle ministro.

Este costume muitas vezes nos tem feito pensar que o grande achado seria arranjar um ministerio de engeitados misanthropos.

Nenhum dos novos ministros, porém, estão n'estas condições, que nos conste. São tudo cavalheiros accessiveis, sem politica, ou melhor, sem partido conhecido.

Assim temos na presidencia e reino o sr. conselheiro José Dias Ferreira, liberal independente, que constitue hoje todas as esperanças de salvação publica.

Na fazenda o sr. Oliveira Martins, um financeiro theorico, que vem do paço depois de ter passado pela republica.

Na justiça e ecclesiasticos o sr. bispo de Bethsayda, que mostrou as suas idéas avançadas e castigou severamente a corrupção dos tempos, n'um memoravel discurso que fez, ainda não ha muito, na camara dos pares.

Na marinha o sr. Ferreira do Amaral, capitão de fragata que fez a travessia de Londres a Moçambique n'uma canhoneira de fundo chato, como quem vae a Cacilhas n'um bote. Tem coragem e conhece a Africa como os seus dedos porque a tem governado por varias vezes.

Na guerra o sr. general Pinheiro Furtado, o mais antigo hoje em effectivo serviço apesar dos seus 80 annos officiaes, porque ha quem diga que tem mais alguns. É de rija tempera, de contrario não montava a cavallo como qualquer rapaz e se sua ex.ª está ainda tão agil para a equitação, não é de suppôr que o esteja menos para a direcção dos negocios da sua pasta.

Nas obras publicas o sr. visconde de Chancelleiros um par do reino e um lavrador que teve artes de salvar as suas vinhas do philloxera que as evadio. Se tivér as mesmas artes de salvar a patria do philloxera que a mina é um benemerito.

Nos estrangeiros temos o sr. Costa Lobo, par do reino e doutor de capello. Tem viajado por toda a Europa e não sabemos se pela America, pelo que deve conhecer muito o mundo e os homens, razão esta, talvez, porque sua ex.ª se affasta um tanto d'elles preferindo o isolamento; mas nem assim escapou. Lá o foram buscar, o que necessariamente é uma prova do seu merecimento.

Agora que já dissémos quem são os novos ministros resta dizer a maneira como se apresentaram no parlamento e como este os recebeu.

A recepção não podia ser mais cordeal, mais affectuosa, como quem quer travar relações muito estreitas, prestando favores para ter jus á gratidão.

As declarações do sr. presidente do conselho com respeito ao seu programma de governo, apesar de um pouco ambiguas deixam vêr as idéas reformadoras do novo gabinete.

Cortar rente seja por onde fôr, com o que a camara não se fez amarella nem encarnada por já estar habituada a estes programmas e tudo ficar como d'antes.

Uma vez porém, será a primeira, e se a moralidade conseguir entrar no poder, muito haverá que vêr e que contar.

Falla se nas reducções de ordenados, nas de commissões e nas de juros da divida publica, e para amostra já o *Diario do Governo* publica hoje um decreto com respeito ás duas primeiras.

O mesmo *Diario* tambem publica outro decreto determinando que os empregos que vagarem não serão preenchidos por emquanto.

São estes os primeiros passos dados para pôr um travão nas despezas do Estado até que se façam as reformas dos serviços que o governo projecta.

Depois se tratará da divida publica, porque assim manda a moralidade.

Entretanto já ha no parlamento quem pergunte pelos dinheiros desviados para a Companhia dos Caminhos de Ferro e para o Banco Lusitano, —a bagatella de uns nove mil contos—e se se vae pedir sacrificios aos funccionarios do Estado e não se pede aquelle dinheiro a quem o desviou sem authorisação do governo.

Tambem isto manda a moralidade.

E porque a moralidade manda que não fallemos no *desvio* de fundos que houve no cofre das aposentações do caminho de ferro, deixamos isso á policia, que é incontestavelmente a instituição mais importante que hoje temos no paiz.

João Verdades.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43